

BOLETIM ADUNICAMP

http://www.adunicamp.org.br
E-mail: adunica@uol.com.br
Tel./fax (19) 289-1148 / 788-8152

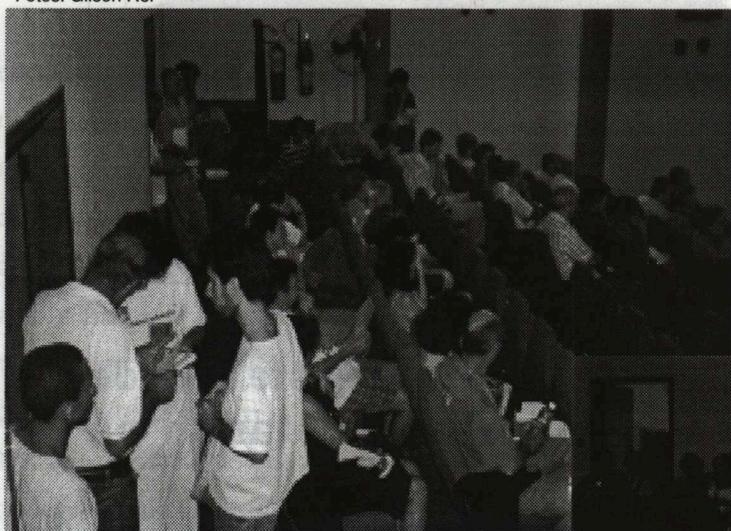
Publicação da Associação de Docentes da Unicamp Campinas, São Paulo Nº 05 12/04/2000

ASSEMBLÉIA DELIBERA PARALISAÇÃO EM 13/4

Docentes reunidos ontem em Assembléia no Auditório da ADUNICAMP decidiram paralisar no próximo dia 13, quinta-feira, e participar, com ida em caravana a São Paulo, do ato público que acompanhará a primeira rodada de negociações do Fórum das Seis com o Cruesp.

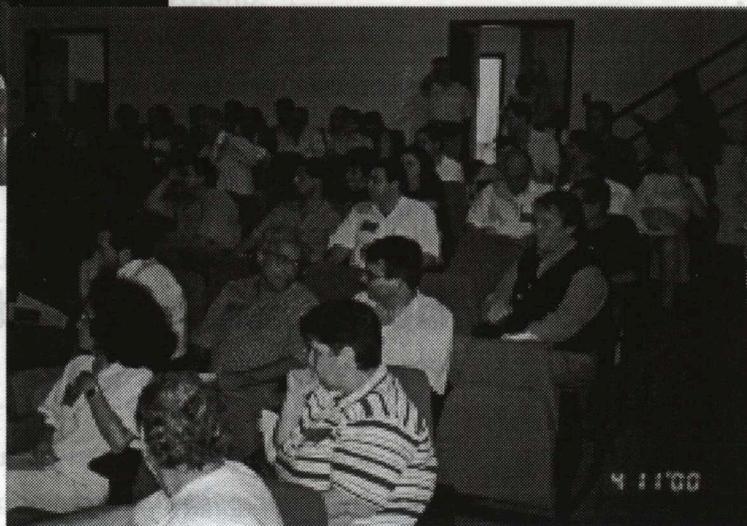
A Assembléia, que contou com o comparecimento de 88 docentes (fotos abaixo), confirmou a tendência ao crescimento da mobilização observada no Boletim anterior.

Fotos: Gilson Rei



2000 manifestantes na entrega da pauta de reivindicações em 5/4

O ato convocado pelo Fórum das Seis realizou-se no Anfiteatro da História da USP em 5/4 com grande sucesso. Não havia lugar para todos os presentes. Após a leitura da pauta de reivindicações, falaram representantes de todas as entidades presentes e formou-se um cortejo, com cerca de 2000 participantes. Os manifestantes dirigiram-se ao prédio da Reitoria da USP, onde uma comissão formada por representantes do Fórum e do DCE da USP protocolou a pauta.



Eis a agenda estabelecida pela Assembléia:

12/4, quarta-feira:

- ◆ Reuniões setoriais para preparar mobilização;
- ◆ Reunião do Conselho de

Representantes, às 16h30 na ADUNICAMP.

13/4, quinta-feira:

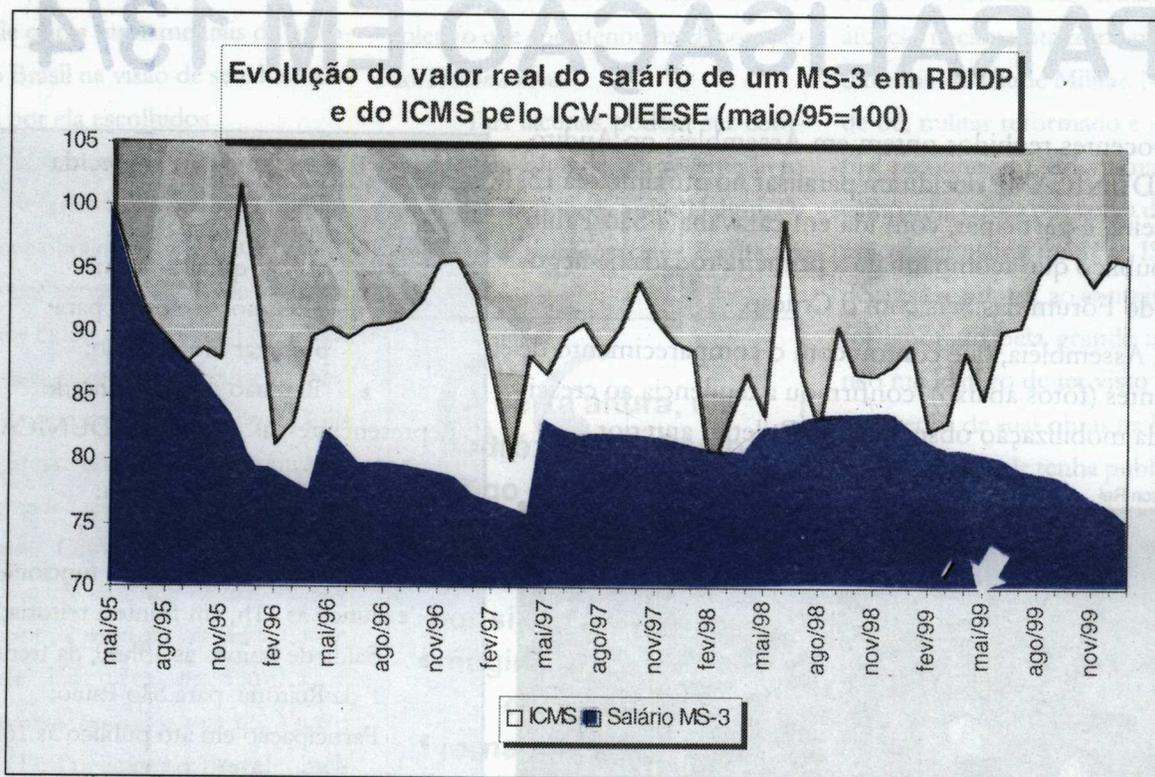
- ◆ Paralisação;
- ◆ Manifestação de docentes, funcionários e alunos às 11h, em frente à reitoria;
- ◆ Saída de ônibus às 13h30, da frente da Reitoria, para São Paulo;
- ◆ Participação em ato público às 16h, em São Paulo.

A Adunicamp estará disponibilizando ônibus para o ato público em São Paulo.

Os interessados deverão entrar em contato com Elena, na secretaria da entidade, por meio do telefone 289-1148 ou pelo e-mail: adu-diretoria@uol.com.br

Avalie a dimensão da sua perda salarial

Diferença entre as áreas do gráfico equivale a uma perda de 15 meses de salário nos valores de maio de 95.



Crescimento da área em branco desde o reajuste zero de maio de 99 demonstra que reitores apostaram na desmobilização.

Servidores do ensino de 1º e 2º graus mobilizados em 19 estados

Na última sexta-feira, 7 de abril, professores e funcionários da rede estadual de ensino paralisaram atividades e compareceram, em peso, a uma manifestação organizada pela Apeoesp na Praça da República, em São Paulo. O ato reuniu mais de cinco mil pessoas. Em assembléia geral das entidades que representam os servidores do ensino de primeiro e segundo graus, foi aprovada a proposta de reajuste salarial de 54,71%.

Maria Isabel Noronha, presi-

dente da Apeoesp, avalia que há forte disposição de greve, caso o governo se mantenha inflexível. Os representantes das entidades têm audiência marcada no dia 13 com a secretária da Educação, Rose Neubauer.

A diretoria da Adunicamp empresta todo seu apoio aos companheiros trabalhadores do ensino de primeiro e segundo graus, em favor da causa comum de defesa do ensino público de qualidade no Estado e no País.

Paralelamente, a mobilização cresce em outros estados. Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), dois milhões de servidores paralisaram na mesma data, em 19 Estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

Mobilização por salário é defesa de projeto de universidade

A mobilização continua a crescer nas Universidades Estaduais Paulistas, como mostra o noticiário deste Boletim.

O Cruesp vem tentando reproduzir o modelo já implantado pelo Ministério da Educação nas Universidades Federais em substituição ao projeto, já consolidado, de Universidade Pública do Estado de São Paulo, que cultiva a pesquisa a fim de alimentar a renovação contínua do ensino e da extensão.

Os estudos realizados pelas entidades do Fórum das Seis desmascararam os pretensos argumentos técnicos do Cruesp. O gráfico da página 2 mostra que, desde maio de 99, quando tivemos reajuste zero, a arrecadação do ICMS apresenta forte e contínua recuperação. Essa tendência vem se intensificando em 2000, o que desmente alegações do Cruesp que tentam apresentá-la como uma distorção introduzida pelos repasses atrasados da lei Kandir. O ICMS voltou a crescer em março: conforme noticiamos no último Boletim, está 4,7% acima da expectativa e 20% nominais acima do arrecadado no

mesmo período em 99.

Dentro desse quadro, fechar negociações sobre a possibilidade de abono referente a 99 foi o primeiro sinal dado pelo Cruesp da sua disposição para travar com os trabalhadores das universidades uma luta que é eminentemente política. Os reitores estão fazendo caixa, ao mesmo tempo em que se

Mobilizar-se por salário não é apenas defender interesses corporativos. É tentar salvar um projeto de universidade das garras do furacão neoliberal que já arrastou, à revelia dos nossos protestos, as empresas públicas do nosso País. Projeto que, com orgulho, construímos e com denodo defenderemos.

omitem da responsabilidade de discutir com a comunidade o seu projeto de universidade.

Por quê? A intenção é, incontestavelmente, solapar o atual modelo de universidade, baseado na isonomia salarial, agravando os

seus defeitos e inviabilizando as suas qualidades.

A maior qualidade do atual modelo, que queremos, todos, sem sombra de dúvida, discutir, criticar e aperfeiçoar, é a não sujeição da pesquisa e da formação de quadros de graduados e pós-graduados às exigências do mercado. O esteio dessa liberdade de pensamento é a dignidade salarial de docentes e funcionários. Cidadãos acuados pelas pressões imediatas da sobrevivência não têm condições de colaborar na construção de conhecimento novo, sequer de repetir com qualidade o já produzido.

A universidade que queremos e na qual tanto esforço e dinheiro já foram investidos depende, agora, exclusivamente da nossa mobilização. Mobilizar-se por salário não é apenas defender interesses corporativos. É tentar salvar um projeto de universidade das garras do furacão neoliberal que já arrastou, à revelia dos nossos protestos, as empresas públicas do nosso País. Projeto que, com orgulho, construímos e com denodo defenderemos.

Paralisação em 13/4:

Recuperação salarial

Defesa da isonomia

O guia histórico da Folha de S. Paulo: as ausências e o rabo preso

José Ricardo Figueiredo

A *Folha de São Paulo* publicou, em seu caderno *Mais!*, de 2 de abril passado, um *Guia de leitura da história brasileira*, apresentando listas de sugestões de obras fundamentais de história do Brasil na visão de sete historiadores por ela escolhidos.

Nas listas, aparecem merecidamente referências reiteradas a alguns autores e obras reconhecidamente importantes. Sérgio Buarque de Holanda recebeu cinco referências por *Visão do Paraíso*, duas por *Caminhos e fronteiras*, e outra por *Raízes do Brasil*. Gilberto Freyre teve quatro referências a *Casa grande e senzala* e três a *Sobrados e Mucambos*. Caio Prado Jr, teve quatro por *Formação do Brasil contemporâneo* e outra por *A revolução brasileira*. Os *sertões* de Euclides da Cunha, e *Coronelismo, enxada e voto* de Victor Nunes Leal tiveram quatro referências cada. Mereceram três referências *Os donos do poder* de Raymundo Faoro, *Capítulos da história colonial* de Capistrano de Abreu, e outros.

Outras obras, igualmente importantes, escaparam do esquecimento por uma única referência salvadora. Foi o caso da *Formação econômica do Brasil* de Celso Furtado, *Vida e morte do bandeirante*, de Alcântara Machado, *História geral do Brasil*, de Varnhagen, e outras.

São muito significativas, porém, algumas ausências. Nada justifica o esquecimento de Alberto Passos Guimarães, com seu *Quatro séculos de latifúndio*, ou de Leôncio Basbaum com sua *História sincera da República*, ou de Clóvis Moura, com seus *Rebeliões da senzala*, *Quilombos*, *Insurreições*, *Guerilhas* ou, particularmente, de Nelson Werneck Sodré, autor de obras como *Formação econômica do Brasil*, *História da imprensa no Brasil*, *História da burguesia*

brasileira, *História militar do Brasil*, *As razões da independência*, *Síntese da história da cultura brasileira*, entre cerca de 50 títulos da maior relevância. Sodré mereceria ainda ser lembrado pela ousadia metodológica no trabalho coletivo que coordenou na elaboração do *História nova*.

Tais lacunas podem ser compreendidas à luz de um recente livro do jornalista francês Serge Halimi, *Os novos cães de guarda*, excelente crítica à

“A certa altura, diz Sodré: “Em S. Paulo, antigo criador de aves e ovos, Otávio Frias de Oliveira, tornava-se, por singular passe de mágica, proprietário da empresa jornalística *Folha de S. Paulo*, que mantinha três diários dos mais importantes da capital paulista”.

imprensa oligopolista em seu país.

Primeiro, Halimi observou, nas seções culturais e resenhas literárias da grande imprensa francesa, o fenômeno sistemático da troca de gentilezas entre escritores e articulistas segundo a fórmula “cita-me que te citarei”. De fato, o conjunto das listas sugeridas pelos historiadores escolhidos pela *Folha de S. Paulo* é um rico exemplo da prática de citações recíprocas. O historiador B cita A, C, D e E, sendo reciprocamente citado por A e C. Mais benevolentes são os historiadores F e G que, não citados por ninguém, citam todos os anteriores. Assim não pode sobrar espaço para muitas obras relevantes.

Segundo, Halimi levanta a

questão do conteúdo político e ideológico daquilo que é oferecido ao público. É instrutivo lembrar a longa relação da grande imprensa com Werneck Sodré. Na década de 50 Sodré sofreu críticas ácidas por sua atuação nacionalista como membro da diretoria do Clube Militar. Na década de 60, militar reformado e já intelectual reconhecido, foi vítima de nova campanha crítica por conta de sua atuação nacionalista junto ao ISEB. Nas décadas seguintes, ao contrário, Sodré foi ignorado pela grande imprensa; não me lembro de ter visto uma única resenha de suas obras na *Folha de S. Paulo*, embora ele tenha publicado dezenas de livros neste período, com grande aceitação pelo público — sua *Formação histórica do Brasil*, por exemplo, que teve sua primeira edição em 62, em 87 atingia sua décima segunda edição.

Reconheçamos algum fundamento nesta atitude da *Folha de S. Paulo* para com o grande historiador. Nos capítulos finais de seu *História da imprensa no Brasil*, Sodré dedica grande atenção ao processo de penetração de capitais estrangeiros na imprensa brasileira, através das agências de propaganda, das agências noticiosas estrangeiras, da utilização de testas de ferro, etc. Menciona em detalhes o acordo entre os grupos *Globo* e *Time-Life*, mas deixa claro que não foi só este caso. A certa altura, diz Sodré: “Em S. Paulo, antigo criador de aves e ovos, Otávio Frias de Oliveira, tornava-se, por singular passe de mágica, proprietário da empresa jornalística *Folha de S. Paulo*, que mantinha três diários dos mais importantes da capital paulista”. Assim, ficamos sabendo que a gestão dos frias na *Folha de S. Paulo* já nasceu de rabo preso com a galinagem...

José Ricardo Figueiredo é docente da FEM e ex-presidente da Adunicamp.